

USO DE MÉTODOS CONTRACEPTIVOS POR ACADÊMICAS DA ÁREA DE SAÚDE¹

Glaucy César Ângelo², Marcos Antônio dos Santos³, Breno Drumond³,
Adriane Jane Franco⁴

Resumo: *Nos meados da década de 50 e início da de 60 houve uma modificação nos hábitos sexuais, o chamado sexo sem compromisso, e com ele a disseminação das doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) e gravidez indesejáveis. A fim de se minimizar esses problemas surgiram os diferentes métodos contraceptivos. O trabalho objetivou avaliar o conhecimento e uso de métodos contraceptivos por estudantes do sexo feminino de cursos da área de saúde de uma Faculdade, situada em Viçosa - Minas Gerais. A pesquisa, de caráter descritivo e exploratório, foi realizada através da aplicação de questionário estruturado, em uma amostra de 91 acadêmicas. Este tratava de questões socioeconômicas e culturais, do comportamento sexual e uso de contraceptivos pelas entrevistadas. Verificou-se que 34,10 % acreditavam estar seguras contra DSTs com o uso de métodos contraceptivos, que não fossem os preservativos (masculino e feminino), 49 % não declaram a utilização de preservativos nas relações sexuais. A população feminina analisada requer maiores informações para uso seguro dos diferentes métodos contraceptivos.*

Palavras-chaves: *DSTs, Gravidez, Métodos contraceptivos, Preservativos, Saúde da mulher.*

Introdução

A igreja católica do Brasil colônia defendia a família patriarcal, onde o marido era o chefe da família e a esposa a responsável pela reprodução e criação dos filhos. Na Europa, em meados da década de 50, iniciou-se o

¹Parte do Trabalho de Conclusão de Curso – Glaucy César Ângelo

²Bacharel em Farmácia – FACISA/UNIVIÇOSA. E-mail: glaucy.cezarangelo@yahoo.com.br

³Graduando em Farmácia – FACISA/UNIVIÇOSA. E-mail: marcoantoniofar@hotmail.com

⁴Professor do curso de Farmácia – FACISA/UNIVIÇOSA. E-mail: farm.franco@yahoo.com.br

“movimento beat”, que posteriormente teve reflexos no Brasil, pregando o sexo desvinculado ao compromisso. Na década seguinte o “movimento hippie” surgiu derrubando mitos como virgindade e a superioridade masculina. Novos direitos começam a ser discutidos, como prazer sem restrição e prevenção da gravidez pela utilização da pílula anticoncepcional. Essa revolução associada ao sexo sem proteção precipitou a disseminação das DSTs (CANO, 2000; GOMES, 2011). Para conter a disseminação das DSTs e evitar uma gravidez indesejável, houve o desenvolvimento de vários métodos contraceptivos, que podem ser definitivos ou reversíveis. Os definitivos são a vasectomia e a laqueadura. Os reversíveis são os de barreira (camisinha), intrauterinos (DIU), hormonais (anticoncepcional), segurança (pílula do dia seguinte) e comportamentais (tabelinha) (ALVES & LOPES, 2008).

A camisinha masculina é feita de material como o látex, usado para recobrir o pênis, impedindo contato com o órgão sexual feminino. Já a camisinha feminina é constituída de material plástico, resistente, sendo introduzida no interior da vagina, protegendo assim, o colo do útero e impedindo também o contato. São métodos que impedem a gravidez e a transmissão das DSTs (BRASIL, 2006).

O dispositivo intrauterino (DIU) consta de pequenos objetos plásticos, flexíveis, com revestimento de fios de cobre que são inseridos no útero. É a presença do cobre que provoca reações que matam o espermatozoide, impedindo que o mesmo atinja as trompas, ou seja, não ocorrendo a fecundação (BRASIL, 2006).

Os métodos hormonais são comercializados de diferentes formas de uso: oral, injetável, implante, adesivo, e também em diferentes concentrações e combinações. Inibem a ovulação e tornam o muco cervical mais espesso, dificultando a passagem dos espermatozoides. Os métodos de emergência, popularmente conhecidos como pílula do dia seguinte, não devem ser usados de forma rotineira. Seu mecanismo de ação não está totalmente elucidado, mas sabe-se que pode intervir, dependendo do período de tempo que ocorre a relação (FEBRASGO, 2004).

Métodos comportamentais ou de abstinência são aqueles que exigem da mulher o conhecimento do seu corpo, período fértil e ciclo menstrual. Entretanto, exige cooperação de ambos os parceiros. O mais conhecido é o

calendário (tabelinha), em que se deve ter abstinência do casal no período fértil, não ocorrendo assim o encontro do espermatozoide com o ovulo (BRASIL, 2002).

Além do entendimento da ação dos diferentes métodos contraceptivos, é importante que a população faça o seu uso correto. Grande número de pessoas que contraem DSTs alega utilizar algum método, porém, muitas vezes este se faz de forma incorreta (MARTINS et al., 2006)

Este trabalho objetivou avaliar o conhecimento e uso de métodos contraceptivos por acadêmicas de cursos da área de saúde em uma instituição de ensino superior de Viçosa - Minas Gerais.

Materiais e Métodos

A pesquisa foi realizada em uma instituição de ensino superior de Viçosa, entre setembro 2011 a março de 2012, aplicando-se de um questionário estruturado com perguntas sobre o comportamento sexual e uso dos métodos contraceptivos. O público alvo da pesquisa foram estudantes do sexo feminino do curso da área da saúde e psicologia, totalizando 91 entrevistadas. A coleta de dados deu-se após submissão deste projeto ao comitê de ética em pesquisa da Faculdade de Ciências Biológicas e da Saúde CEP/FACISA, tendo sido aprovado sob o número de protocolo 00096/2011-II. As análises dos dados foram realizadas por meio de frequências absolutas e relativas e interpretação destas, utilizando o pacote estatístico Sistema Para Análise Estatística – SAEG (2007), Versão 9.1.

Resultados e Discussões

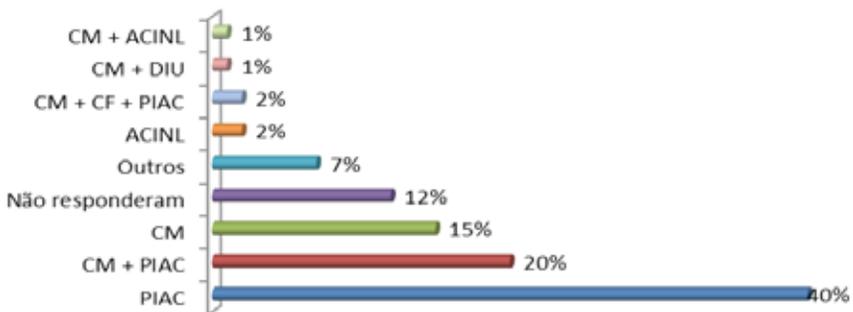
A maioria das entrevistadas apresentava idades entre 18 a 30 anos, sendo que 85,70 % eram solteiras e 96,70 % se autodeclararam heterossexuais. Quanto ao estado civil, esse estudo difere do realizado por Silva (2009) em pesquisa semelhante, porém, em outra instituição de ensino, que verificou que a maioria das entrevistadas eram casadas (59,0 %).

O uso de métodos contraceptivos foi citado por 74,73 %, e entre as que disseram não usar, 5,50 % afirmaram que a não utilização é por não gostar e

1,09 % por sentir vergonha. Apesar da maioria das entrevistadas fazer uso de métodos contraceptivos, verificou-se que uma parcela das acadêmicas ainda é relutante em sua utilização, o que pode ser fator de risco para uma gravidez indesejada e DST's.

Os métodos contraceptivos de escolha citados pelas acadêmicas estão apresentados na Figura 1.

Figura 1 - Frequências absolutas e relativas dos métodos contraceptivos utilizados.



Sendo:

PIAC = Pílula anticoncepcional

CM = Camisinha Masculina

ACINL = Anticoncepcional Injetável

CF = Camisinha Feminina

O uso dos contraceptivos orais foi relatado pela maioria das entrevistadas (62 %). Esse resultado provavelmente se deve à facilidade de acesso a esse método, já que pode ser adquirido comumente sem a exigência de receita médica. Corroborando esses resultados, Carreno et al. (2006) afirmaram que 48,80 % das mulheres faz uso de anticoncepcionais orais. Brum & Abranches (2011) verificaram que o uso de anticoncepcionais orais por acadêmicas do curso da área de saúde foi de 66,0 %.

Sobre a utilização de preservativos, apenas 39 % das entrevistadas declarou que utilizam, o que pode representar um risco em contrair DSTs. Das entrevistadas que afirmaram não utilizar, 34,1 % declarou que acreditam estar seguras contra as DSTs.

Quando avaliado o uso de mais de um método contraceptivo, 24 % das entrevistadas declarou o uso dos preservativos masculino e/ou feminino associados a outro método, sendo, na maior parte dos casos, 20 %, associando a camisinha masculina com a pílula anticoncepcional. Um resultado semelhante foi obtido por Alves (2008), que verificou em sua pesquisa que o uso destes dois métodos associados era apenas de 18,70 %.

O uso de preservativo feminino só foi relatado quando associado ao uso de anticoncepcional oral por 2 % das acadêmicas. Um estudo realizado por Gomes (2011), entre acadêmicos do curso de graduação em Enfermagem, relata que o não uso do preservativo feminino se deve a fatores como: custo elevado, falta de divulgação, falta de familiaridade, ser de difícil utilização, desconfortável e de aparência grotesca.

Conclusão

As entrevistadas, apesar de estarem em cursos na área da saúde, ainda carecem de informação sobre a importância do uso dos preservativos para a prevenção das DSTs, pois 49% do universo de entrevistadas desta pesquisa não utiliza preservativos, o que caracteriza um grande risco de contração de doenças.

Referências Bibliográficas

ALVES A.S., LOPES M.H.B.M. Uso de métodos contraceptivos entre adolescentes universitários. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Brasília. v. 6, n. 12, p. 170-177, 2008.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Área Técnica de Saúde da Mulher. Assistência em Planejamento Familiar: **Manual Técnico/Secretaria de Políticas de Saúde**, Área Técnica de Saúde da Mulher – 4ª edição – Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de atenção à saúde. Departamento de ações programáticas estratégicas. **Direitos sexuais, direitos reprodutivos e métodos anticoncepcionais**. Brasília, 2006.

BRUM C.V., ABRANCHES V. **Avaliação da utilização de contraceptivos hormonais por alunas dos cursos da área de saúde da Faculdade de Ciências Biológicas e da Saúde de Viçosa-MG. 2011.** Viçosa. 35 p. Monografia (Graduação em Farmácia), Faculdade de Ciências Biológicas e da Saúde, Viçosa.

CANO, M.A.T.; FERRANI, M.G.C. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. **Revista latino-americana de Enfermagem.** v. 8, n. 2, p18-24, 2000.

CARRENO I., COSTA J.S.D., OLINTO M.T.A., MENEGHEL S. **Uso de métodos contraceptivos entre as mulheres com vida sexual ativa em São Leopoldo,** Rio Grande do Sul, Brasil. *Cad. Saúde Pública.* v. 22, n. 5, p. 1101-1109. 2006.

FEBRASGO. FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DE GINECOLOGIA E OBSTETRICIA. **Manual de orientação.** Editores: José M. Aldrighi, Carlos Alberto Petta. - São Paulo: Ponto, 2004. 308p.

GOMES, V.L.O., FONSECA, A.D., JUNDI, M.G., SEVERO, T.P. Percepções de casais heterossexuais acerca do uso da camisinha feminina. **Esc. Anna Nery** (impresso). v. 15, n. 1, p 22-30. 2011.

MARTINS, L.B.M. et al. Conhecimento sobre métodos anticoncepcionais por estudantes adolescentes. **Revista Saúde Pública.** v. 40, n. 1, p.57-64, 2006.

SAEG. Sistema para Análises Estatísticas, Versão 9.1: FACISA - Faculdade de Ciências Biológicas e da Saúde - Viçosa, 2007.

SILVA, V.C.G., RESENDE, C.L. Adesão das acadêmicas de enfermagem do centro universitário da Grande Dourados ao exame preventivo papanicolau. **Interbio.** v. 3, n. 2, p.53 – 64, 2009.